

TOPOLOGIA DO SUPEREU: O SEU ESTATUTO FORACLUSIVO E A PROBLEMÁTICA DO ÊXTIMO NA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA

TOPOLOGY OF THE SUPEREGO: ITS FORECLOSURE STATUS AND THE PROBLEMATIC OF EXTIMACY IN FREUDIAN METAPSYCHOLOGY

TOPOLOGÍA DEL SUPERYÓ: SU ESTATUTO FORCLUSIVO Y LA PROBLEMÁTICA DE LO ÉXTIMO EN LA METAPSIKOLOGÍA FREUDIANA

Henrique Riedel Nunes¹

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura topológica do supereu, tomando como eixo seu estatuto foraclusivo e a problemática do êxtimo na metapsicologia freudiana. Partindo da articulação entre *Bejahung* e *Ausstossung* na obra de Freud, discutimos a hipótese de um inconsciente genuíno – o isso inconsciente – como núcleo real não recalcado, tal como formulado por Gerez-Ambertín, e examinamos as consequências dessa tese para a concepção do supereu. A partir das figuras freudianas do aparelho (retângulo da Carta 52, “bolsa” e da introdução de um buraco no isso), deslocamos o modelo para a topologia da garrafa de Klein, destacando seus invariantes: unilateralidade, não orientabilidade e indistinção entre interior e exterior. Com base nessa formalização, propomos que, em sua camada mais arcaica, o supereu é coextensivo ao núcleo real do isso, configurando-se menos como instância de ideal do que como ponto de *êxtimo* em que o buraco do real ex-siste em relação ao sujeito e ao laço social. A leitura dos casos Schreber e Roberto, o lobo, permite ilustrar clinicamente essa hipótese, ao evidenciar a presença de vozes e significantes únicos não ligados, que retornam desde fora como mandamentos de gozo sem dialética. Por fim, discutimos os desdobramentos dessa perspectiva para a compreensão das manifestações superegógicas imperiosas nas neuroses e das formas contemporâneas de vociferação no campo social, articulando-as ao “supereu cultural” descrito por Freud em *O mal-estar na civilização*.

Palavras-chave: Supereu. Topologia. Psicose.

ABSTRACT: This article proposes a topological reading of the superego, taking its foreclosure status and the problem of extimacy in Freudian metapsychology as guiding axes. Starting from Freud’s articulation between *Bejahung* and *Ausstossung*, we discuss the hypothesis of a genuine unconscious – the id as unconscious – as a non-repressed real nucleus, as formulated by Gerez-Ambertín, and examine the consequences of this thesis for the conception of the superego. From Freud’s figures of the apparatus (the rectangle of Letter 52, the “bag” and the introduction of a hole in the id), we shift the model toward the topology of the Klein bottle, highlighting its invariants: one-sidedness, non-orientability and the lack of a stable separation between inside and outside. On the basis of this formalization, we propose that, in its most archaic layer, the superego is coextensive with the real nucleus of the id, and is thus less an instance of ideal than a point of extimacy at which the hole of the real ex-sists in relation to the subject and to the social bond. The reading of the Schreber case and of Roberto, the wolf, provides clinical support for this hypothesis, by bringing to light voices and unique signifiers that are not bound, returning from the outside as imperious, non-dialectical injunctions to jouissance. Finally, we discuss the implications of this perspective for understanding imperious superegoic manifestations in neuroses and contemporary forms of vociferation in the social field, articulating them with the “cultural superego” described by Freud in *Civilization and its Discontents*.

Keywords: Superego. Topology. Psychosis.

¹Professor Doutor do curso de Psicologia do Centro Universitário INTA - UNINTA - Sobral/CE.

RESUMEN: Este artículo propone una lectura topológica del superyó, tomando como ejes su estatuto forclusivo y la problemática de lo éxtimo en la metapsicología freudiana. A partir de la articulación freudiana entre *Bejahung* y *Ausstossung*, discutimos la hipótesis de un inconsciente genuino – el ello inconsciente – como núcleo real no reprimido, tal como lo formula Gerez-Ambertín, y examinamos las consecuencias de esta tesis para la concepción del superyó. A partir de las figuras freudianas del aparato (el rectángulo de la Carta 52, la “bolsa” y la introducción de un agujero en el ello), desplazamos el modelo hacia la topología de la botella de Klein, subrayando sus invariantes: unilateralidad, no orientabilidad y ausencia de una separación estable entre interior y exterior. Con base en esta formalización, proponemos que, en su capa más arcaica, el superyó es coextensivo con el núcleo real del ello, configurándose menos como instancia de ideal que como punto de extimidad en el que el agujero de lo real ex-siste en relación con el sujeto y con el lazo social. La lectura de los casos Schreber y Roberto, el niño hombre-lobo, permite ilustrar clínicamente esta hipótesis, al evidenciar voces y significantes únicos no ligados que retornan desde fuera como mandatos de goce sin dialéctica. Por último, discutimos las implicaciones de esta perspectiva para la comprensión de las manifestaciones superyoicas imperiosas en las neurosis y de las formas contemporáneas de vociferación en el campo social, articulándolas con el “superyó cultural” descrito por Freud en *El malestar en la cultura*.

Palabras clave: Superyó. Topología. Psicosis.

INTRODUÇÃO

O presente estudo inscreve-se em uma longa trajetória de investigação em que a estrutura psicótica, pensada em termos lacanianos como “fora do discurso”, foi tomada como via privilegiada para evidenciar a topologia do real na constituição psíquica e suas ressonâncias na vida coletiva. Ao situar a psicose nessa posição de *êx-sistência* em relação ao campo do discurso, fomos progressivamente conduzidos a interrogar o estatuto da própria estrutura enquanto interseção entre real e simbólico, na qual certos elementos – foracluídos – retornam desde fora com uma força de evidência e de injunção que não se deixa reduzir ao recalcado. Esse caminho colocou em primeiro plano tanto a clínica da psicose quanto as formas contemporâneas de laço social, nas quais a vociferação superegóica (Dias, 2020) parece adquirir lugar privilegiado.

No horizonte dessa investigação mais ampla, o presente artigo recorta um problema específico: o da topologia freudiana do aparelho psíquico e seu entrelaçamento com o estatuto foraclusivo do supereu. Partimos do modo como Freud, da Carta 52 a *O eu e o isso* e à conferência de 1933, ensaia diferentes modelos para dar conta da articulação entre percepção, memória, inconsciente e consciência, sem jamais confundir essa anatomia psíquica com qualquer aspecto neuronal. A releitura que Marta Gerez-Ambertín (2020) propõe desses modelos – do retângulo da Carta 52 à chamada “bolsa freudiana” e, finalmente, à garrafa de Klein convocada por Lacan

– oferece um eixo privilegiado para repensar a posição singular do supereu nesse aparelho. Trata-se, em última instância, de interrogar como essas figuras topológicas permitem conceber um supereu que não é apenas herdeiro do complexo de Édipo, mas também agente do isso (Gerez-Ambertín, 2009), ligado a um núcleo real do inconsciente que escapa ao trabalho do recalque.

A problemática que aqui retomamos pode ser formulada nos seguintes termos: haveria um estatuto foraclusivo do supereu que excede a oposição clássica neurose/psicose e se deixa entrever como um fato de estrutura, isto é, como efeito do próprio encontro entre real e simbólico? A topologia proposta por Gerez-Ambertín sugere que sim. Ao destacar que, no modelo da “bolsa freudiana”, Freud introduz simultaneamente o supereu como instância e um buraco no isso, a autora mostra que a anatomia psíquica freudiana passa a comportar um ponto em que o mais íntimo ex-siste como fora. Quando Lacan, no discurso de Caracas (1972/2003), propõe torcer essa bolsa em garrafa de Klein, o que está em jogo é justamente uma superfície em que dentro e fora deixam de se opor, configurando uma *extimidade* estrutural – e é nessa dobra que o supereu encontra seu lugar privilegiado.

Concebida a partir dessa perspectiva, a garrafa de Klein vem a evidenciar algo do próprio estatuto topológico do supereu: aquilo que, sendo “interno”, retorna sob forma de voz e olhar desde um exterior absoluto; aquilo que, sendo “lei”, se manifesta como mandamento sem dialética, como significante inesquecível, isento do esquecimento que poderia ser produzido pelo recalque. É nesse ponto que a proposta de Gerez-Ambertín converge com a hipótese de Alain Didier-Weill (1988) acerca do significante inesquecível e com a formulação de Jean-Michel Vivès (2012) sobre a voz como o que é silenciado pela linguagem. Se há um núcleo do supereu que persiste fora do regime do recalável – e se esse núcleo está enlaçado ao que a autora chama de “isso-inconsciente” – então uma parte do supereu não se deixa reduzir à economia edípica, mas aponta para um inconsciente genuíno, não traduzível em palavras e que retorna como real.

O recorte proposto neste artigo consiste, portanto, em articular a topologia freudiana do aparelho psíquico, tal como retomada por Gerez-Ambertín (2020), à hipótese de um supereu de estatuto foraclusivo, tomando como operadores teóricos centrais a noção de significante inesquecível em Didier-Weill (1988), a concepção de voz como aquilo que a linguagem tende a silenciar em Vivès (2012) e a formulação lacaniana da psicose como estrutura “fora do discurso” (Quinet, 2009), em que o simbólico não logra instaurar plenamente a falta no Outro. Para isso,

apoiaremos a discussão em dois casos paradigmáticos – Schreber e Roberto – nos quais o supereu se manifesta, respectivamente, sob a forma de vozes divinas que ordenam e insultam, e sob a forma de um significante único (“LOBO!”) que, ao mesmo tempo, designa e persegue o sujeito.

Pretendemos, assim, expor os desdobramentos da leitura topológica proposta por Gerez-Ambertín (2020) para o estatuto do supereu em Freud, articulando-a à hipótese de uma forclusão para além da psicose e examinando, na clínica, o que dessa topologia se deixa entrever nos casos Schreber e Roberto.

MÉTODO

Por inscrever-se no campo da pesquisa em Psicanálise, em que o método clínico e o método de investigação coincidem, a produção aqui condensada possui um inquestionável e estrutural estatuto clínico. Parte-se da premissa de que não há um “fora” da clínica para a psicanálise: o mesmo conjunto de operações que sustenta a escuta, a leitura dos casos e o manejo da transferência é o que torna possível a produção de saber. Não há como ir para fora da clínica a fim de assumir uma postura de pesquisador no que concerne à psicanálise; é a partir da própria experiência clínica, tal como ela se transmite em textos e casos, que o trabalho de investigação se exerce, numa topologia que, assim como a do supereu, faz do par dentro/fora um par indissociável. A pesquisa organiza-se, portanto, a partir da articulação entre casos clínicos tal como foram construídos na tradição psicanalítica e um percurso metapsicológico que os atravessa e deles se deixa interrogar.

Teremos como fontes obras de estatuto teórico-clínico, a fim de cumprirmos o objetivo do presente artigo. São obras referenciadas os textos de Freud e de Lacan que discutem a problemática acerca do aparelho psíquico, a afirmação e negações fundamentais (*Bejahung, Ausstossung, Verwerfung*) e a noção de supereu. Também contaremos com as contribuições de autores que retomam esses problemas, em especial Alain Didier-Weill (1988, 2012), Marta Gerez-Ambertín (2009, 2020) e Jean-Michel Vivès (2012), com destaque para as elaborações em torno do significante inesquecível, do ponto surdo e da topologia do supereu. É importante ressaltar que resgataremos casos clínicos paradigmáticos da literatura psicanalítica, dentre eles o caso Schreber, e o de Roberto, entendidos não como registros brutos, mas como montagens discursivas em que a experiência clínica já se apresenta trabalhada por um saber, permitindo a extração de invariantes estruturais.

Dessa forma, os relatos de caso, bem como as elaborações que se deram a partir deles, configuraram um material em que se põe em evidência, de maneira particularmente nítida, a articulação entre psicose, voz e supereu, permitindo fazer trabalhar a hipótese de um estatuto forclusivo do supereu em estreita conexão com a topologia do aparelho psíquico.

No que concerne à análise de tais achados, em primeiro lugar, resgatamos a leitura de Marta Gerez-Ambertín (2020) acerca dos textos freudianos e lacanianos em que se desenvolve um delineamento do aparelho psíquico – Carta 52, *Projeto*, *O eu e o isso*, *A dissecação da personalidade psíquica* de 1933. Ademais, abordamos os seminários de Jacques Lacan (1953-1954/1986), , – 1 (1953-1954/1986), 3 (1955-1956/ 2010) e 10 (1963-1964/2005), bem como compartilhamos do resgate feito por Gerez-Ambertín ao ensino laciano, com atenção especial às passagens em que são convocadas figuras topológicas – banda de Moebius, garrafa de Klein –, a fim de tensionarmos a relação entre dentro e fora no contexto do aparelho psíquico. Num segundo momento, retomamos logicamente as diferentes formulações de supereu, desde sua definição freudiana como herdeiro do complexo de Édipo até as leituras que acentuam seu vínculo com o isso e com um núcleo real do inconsciente (Didier-Weill, 1988; Gerez-Ambertín, 2020; Vivès, 2012). Por fim, os casos clínicos foram analisados à luz desses referenciais, privilegiando-se a extração de significantes e de fenômenos (alucinações verbais, autobatismos, vociferações, imperativos de gozo) que explicitam o supereu em sua dimensão de voz e de *êxtimo*.

Tratou-se de deixar que a leitura topológica do aparelho psíquico – do retângulo à bolsa freudiana e desta à garrafa de Klein (Ambertín, 2020) – fosse contraposta pela experiência da psicose, em que o supereu se manifesta de modo arcaico, sob a forma de significantes inesquecíveis, vozes que mandam e significantes únicos colados ao corpo.

Vale ressaltar que os casos retomados (caso Schreber e Roberto) são trabalhados tal como se apresentam na literatura psicanalítica, de modo que, orientamos todo o percurso um cuidado rigoroso em não transformar o sofrimento psíquico em objeto de curiosidade, mas em reconhecê-lo como via de acesso a um saber sobre o inconsciente e sobre o lugar do real na estrutura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir deste ponto, passamos à apresentação dos resultados teórico-clínicos da pesquisa, organizados em torno de um eixo metapsicológico e de suas consequências para a

conceituação do supereu e da psicose. Optamos por um modo de exposição em que a leitura dos textos de Freud, Lacan e de autores contemporâneos se articula diretamente com o problema que orienta o trabalho: como pensar um estatuto foraclusivo inscrito na própria estrutura, tal como se deixa entrever na psicose e se reatualiza no laço social.

À guisa de início, retomamos as operações freudianas de afirmação e negação – *Bejahung*, *Ausstossung*, *Verwerfung* – e o modo como Lacan as reconduz à dicotomia simbólico/real, explicitando a dupla face *Bejahung/Ausstossung* e a especificidade da *Verwerfung*. Esse percurso dialoga com as contribuições de Solal Rabinovitch (2001), Alain Didier-Weill e Jean-Michel Vivès, permitindo deslocar a questão da foraclusão para além do Nome-do-Pai e localizá-la num núcleo real do inconsciente não recalcado. É a partir dessa reconstrução metapsicológica que se torna possível, posteriormente, tanto formalizar topologicamente o lugar do supereu – enquanto ponto de *êxtimo* entre o mais íntimo e o mais externo – quanto articular essa formalização com as experiências clínicas paradigmáticas de Schreber e Roberto e com determinadas configurações contemporâneas do laço social.

A problemática freudiana da afirmação primordial (*Bejahung*) e da negação (*Ausstossung/Verwerfung*) inscreve-se no cerne da constituição do sujeito e da dinâmica psíquica. Freud, em sua reflexão sobre o juízo primordial (*Urteil*), estabelece uma dicotomia fundante: a separação entre o dentro (incorporado como Eu) e o fora (expulso como não-Eu). Essa operação, no entanto, não se reduz a uma simples partição espacial, mas implica uma lógica de inscrição simbólica e expulsão do real. Lacan, ao retomar esses conceitos, desloca a questão para o registro do real/simbólico, destacando que a *Ausstossung* (expulsão) opera como negação primordial do real indigerível, enquanto a *Verwerfung* (foraclusão) refere-se à exclusão de um significante estruturante do campo simbólico, como o Nome-do-Pai. (Rabinovich, 2001)

A dupla face *Bejahung/Ausstossung* revela-se paradoxal: a afirmação de um significante (fálico) exige, simultaneamente, a expulsão de um resto real que não se deixa simbolizar. Solal Rabinovitch (2001) aponta que essa expulsão inerente à própria afirmação não deve ser confundida com a foraclusão lacaniana do Nome-do-Pai. Enquanto a *Verwerfung* implica a ausência radical de um significante fundante, a *Ausstossung* mantém um vínculo estrutural com o real expulso, que retorna como sintoma ou como alucinação. A questão central que se impõe é: até que ponto a expulsão primordial pode ser entendida como uma foraclusão originária, distinta da foraclusão do Nome-do-Pai?

Se há um real que escapa ao simbólico – seja como núcleo não ligado do inconsciente, seja como resto expulso –, como situar seu “lugar” no aparelho psíquico? A resposta a essa pergunta exigirá uma topologia que ultrapasse a dicotomia estática dentro/fora, preparando o terreno para a entrada da garrafa de Klein e da noção de *êxtimo*.

Freud, ao descrever o “umbigo do sonho” como ponto de contato entre o sonho e o inesgotável, e o Censor como limite interno ao processo primário (Gerez-Ambertín, 2009), antecipa a ideia de um núcleo real do inconsciente que resiste à simbolização. Esse núcleo encontra no supereu uma via de expressão paradoxal: instância que, originária do exterior – a voz do adulto próximo internalizada –, torna-se o mais íntimo e opressivo. Em *O eu e o isso* (1923/2007) e *Mal-estar na civilização* (1930/2006), Freud sublinha que o supereu emerge não apenas como herdeiro do Édipo, mas como agente do isso, vinculado a um gozo que excede a economia simbólica.

Alain Didier-Weill (1988) radicaliza essa concepção ao propor o significante inesquecível – um “*Tu és só isto!*” – como operador de uma forclusão que ultrapassa a psicose. Trata-se de um significante jamais integrado à cadeia simbólica, que retorna como voz superegóica, reduzindo o sujeito a objeto de gozo do Outro. A distinção entre recalçável – inscrito na cadeia significativa – e não-ligado – expulso ao real – torna-se crucial: o supereu, em sua camada mais arcaica, é análogo ao representante não-ligado, o que configuraria uma forclusão além da psicótica, presente também na cultura.

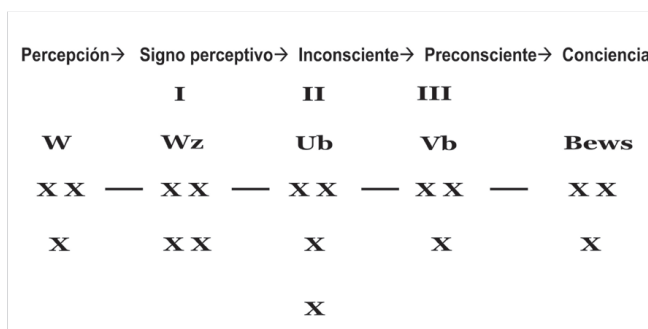
Jean-Michel Vivès (2012), por sua vez, destaca a voz como aquilo que a linguagem silencia, mas que persiste como ponto surdo no discurso. A emergência do sujeito está ligada às vozes que o circundam – não como mensagens articuladas, mas como imperativos sem endereço, que ecoam a dimensão superegóica do *Goza!*

Esses elementos metapsicológicos, que apontam para um núcleo real do inconsciente para aquém do recalque, exigem uma formalização topológica capaz de situar o supereu no ponto de contato paradoxal entre o mais íntimo e o mais externo. A garrafa de Klein, ao abolir a fronteira estática entre dentro/fora, oferece uma figura privilegiada para pensar essa *extimidade* estrutural, onde o supereu funciona simultaneamente como voz interna e injunção externa.

A leitura da topologia freudiana do aparelho psíquico, tal como é retomada e trabalhada por Marta Gerez-Ambertín (2020), permite precisar o modo como o dentro e o fora se enlaçam na constituição do sujeito e, em particular, o lugar que o supereu aí ocupa. Na Carta 52, Freud

propõe um primeiro esboço do aparelho em forma de retângulo, no qual se distinguem três sistemas. O sistema W, ou sistema de percepção, em que os estímulos são registrados sem conservação, em pura atualidade; o sistema I, correspondente aos signos de percepção, em que essa experiência inaugural ganha uma primeira inscrição ainda sem diacronia; e, por fim, o sistema II, que Freud já aproxima do inconsciente. Como sublinha Gerez-Ambertín (2020), esse sistema intermediário de signos de percepção funciona como uma espécie de matriz de escritura, um lugar de traços sem sujeito, a partir dos quais, mais tarde, um sujeito poderá advir, na medida em que esses signos forem sendo traduzidos em cadeias de representação.

Figura 1 – Representação gráfica do aparelho psíquico descrito por Freud na Carta 52.



Fonte: Gerez-Ambertín, M. Topologia do aparato psíquico freudiano e do inconsciente (da Carta 52 ao isso- inconsciente e da bolsa freudiana à garrafa de Klein em Lacan) 2020.

Quando, anos depois, Freud retoma e transforma esse retângulo, chegamos ao modelo que Gerez-Ambertín (2020) denomina “bolsa freudiana”. A junção entre percepção e consciência, que em Freud aparece na ligação Percepção-Consciência *Pcpt.-Cs.*, permite torcer o retângulo em uma banda de Moebius e, em seguida, em uma espécie de bolsa ou saco, no interior do qual se dispõem o eu, o pré-consciente, o inconsciente e a chamada “calota acústica”. Nessa configuração, a superfície sensorial, sobretudo auditiva, funciona como borda da bolsa, enquanto o inconsciente e o isso ocupam uma região “embaixo”, jamais diretamente acessível à percepção. Entretanto, Freud insiste, nesse contexto, na imprecisão das fronteiras entre eu, isso e supereu. Longe de instâncias bem recortadas, trata-se de regiões parciais de um mesmo aparelho, em que as fronteiras são móveis e difusas (Freud, 1923/2007). É justamente essa difusão de limites que prepara a possibilidade de pensar o supereu como um lugar de passagem entre registros, e não como um órgão isolado.

A segunda tópica, tal como exposta em 1923 em *O eu e o isso*, introduz explicitamente o supereu no esquema do aparelho: o supereu se destaca como uma diferenciação do eu que, por

sua vez, é uma diferenciação do isso. Anos mais tarde, em 1933, Freud redesenha o esquema, agora acrescentando um elemento decisivo: um buraco no isso. A justificativa que oferece é, à primeira vista, de ordem quase gráfica – o isso deveria ser bem mais volumoso do que o eu, de modo que a forma oval que o representava não poderia permanecer maciça. Mas, como observa Gerez-Ambertín (2020), a introdução desse buraco faz comparecer, na fundação do aparelho, um lugar vazio que não se confunde com a simples ignorância ou com o inconsciente recalcado. Esse buraco no isso pode ser articulado à referência freudiana ao sentimento oceânico, tal como aparece em *Mal-estar na civilização*: algo no núcleo do sujeito remete a uma imensidão de fora, a uma sensação de ilimitado que escapa à delimitação do eu. (Freud, 1930/2006)

É nessa perspectiva que se pode formular a hipótese que orienta esta pesquisa, a saber: o buraco no isso, ao mesmo tempo em que marca a presença de um real irredutível, abre também a via pela qual o supereu se configura como retorno desse núcleo íntimo sob a forma de uma voz externa. O supereu deixa de ser apenas o herdeiro do complexo de Édipo e passa a ser concebido como o modo pelo qual aquilo que é mais íntimo – o núcleo real do inconsciente – só se torna perceptível como vindo de fora. Essa via de retorno assume, na clínica, a forma de imperativos, vociferações e significantes inesquecíveis que interpelam o sujeito desde um lugar de Outro absoluto (Quinet, 2009), ainda que enraizados em seu próprio aparelho psíquico.

9

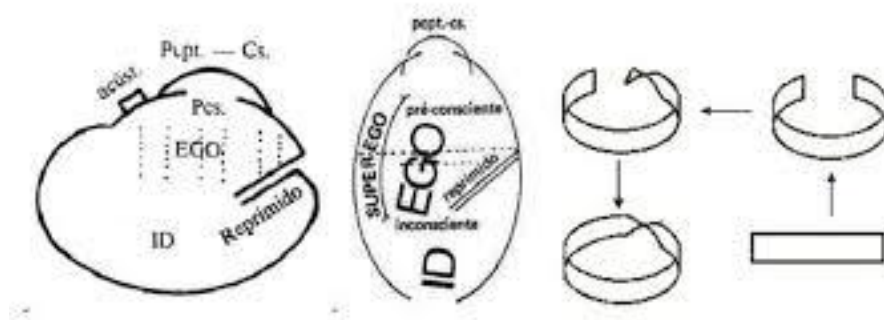
A torção decisiva desse modelo, que torna mais evidente o paradoxo de um interior que se apresenta como exterior, é proposta por Lacan ao recorrer à garrafa de Klein. Gerez-Ambertín mostra como essa figura topológica, unilateral e não orientável, substitui a antiga bolsa freudiana por uma superfície em que a distinção estável entre dentro e fora se torna impossível de sustentar. Na garrafa de Klein, qualquer ponto dito “interno” comunica, por continuidade, com o “externo”; o interior é sempre *êntimo*, no sentido lacaniano, isto é, exterior-íntimo. É nesse contexto que a autora aproxima a garrafa de Klein da função da voz: objeto pulsional que põe em relação dois buracos – a boca e o ouvido – e que, nessa passagem, encarna “uma *extimidade* que responde aos mandatos do supereu e à compulsão do isso” (Gerez-Ambertín, 2020, p. 21).

A voz, enquanto objeto *a* (Lacan, 1963-1964/2005), torna-se assim exemplar do modo como o supereu se situa na estrutura: em um ponto de torção entre o buraco real do isso e a superfície perceptiva. Se o buraco no isso marca o lugar de um real para além do recalcado, a voz superegóica é a forma pela qual *isso retorna* no campo da percepção, sob a forma de injunção ou de significante único colado ao corpo. A garrafa de Klein, ao figurar uma superfície em que

o interior só existe como *êxtimo*, permite, portanto, localizar topologicamente o supereu como essa borda paradoxal em que o mais íntimo irrompe desde fora. É a partir dessa formalização que se pode abordar, de maneira mais precisa, os fenômenos clínicos observáveis em Schreber e Roberto, nos quais a voz, os autos-batismos e os atos com o corpo deixam entrever a ação desse supereu *êxtimo*.

Lido a partir da topologia evidenciada por Gerez-Ambertín (2020), o modo como o supereu se presentifica na psicose nos permite circunscrever de maneira mais precisa esse estatuto de dentro/fora, que vimos ser próprio da “bolsa freudiana” quando esta é torcida numa Banda de Moebius e, posteriormente, numa garrafa de Klein. Se Freud, ao abrir um buraco na instância do isso em sua conferência sobre a *Dissecção da Personalidade Psíquica* (1933), parece fornecer um apoio figurativo para pensar a *ex-sistência* de um núcleo real do inconsciente irreduzível à simbolização, é na clínica que esse buraco se destaca com maior contundência. É justamente nesse ponto que os casos de Schreber e Roberto, o menino lobo, mostram-se paradigmáticos. A forma à qual geralmente se referencia o *inconsciente a céu aberto* na psicose semi-diz uma verdade articulada a um ponto de indistinção entre percepção/consciência e inconsciente. Evidencia-se nesses casos o invariante moebiano na relação entre o inconsciente genuíno (Gerez-Ambertín, 2020) – o isso – e a percepção/consciência.

Figura 2 - Torção do aparelho psíquico da Carta 52 em uma estrutura moebiana. Aparelho Psíquico proposto por Freud em *Eu e o Isso* (1923/2007) e em *Dissecção da Personalidade Psíquica* (1933/2006).



Fonte: Gerez-Ambertín, M. Topologia do aparato psíquico freudiano e do inconsciente (da Carta 52 ao isso-inconsciente e da bolsa freudiana à garrafa de Klein em Lacan) 2020.

No caso Schreber, as chamadas “vozes divinas” não se deixam apreender como formações de compromisso oriundas do recalado, mas antes como enunciados que irrompem desde um lugar de Outro absoluto. O que não é assimilado internamente, retorna desde fora (Freud, 1911/2006), sem passar pelo circuito da tradução simbólica. Trata-se de ditos impostos

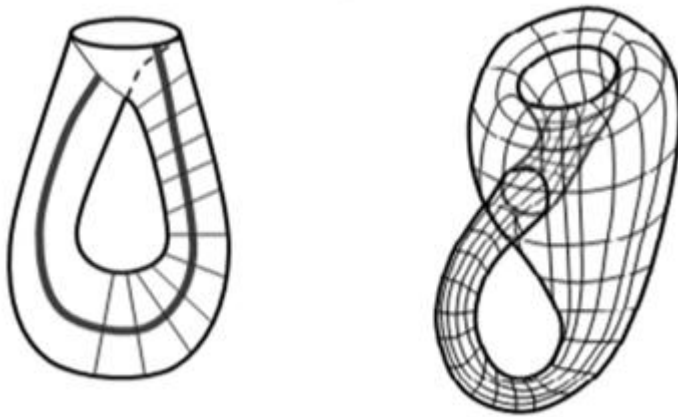
como comandos, comentários e insultos que se endereçam ao sujeito num registro de pura atualidade, como no célebre “Por que você não c... a?” (Schreber, 1903 *apud* Freud, 1911/2006, p. 36), sem a mediação temporal que caracterizaria o trabalho do inconsciente. Schreber, por meio de tais imposições, a via de gozo desse imperativo divino que o submete aos *milagres*.

[...] Deus exige um estado constante de prazer, tal como estaria de acordo com as condições de existência impostas às almas pela Ordem das Coisas; é meu dever fornecer-lhe isso... sob a forma da maior geração possível de voluptuosidade espiritual. E se, nesse processo, um pouco de prazer sensual cabe a mim, sinto-me justificado em aceita-lo como diminuta compensação pela excessiva quantidade de sofrimento e privação que foi minha por tantos anos passados [...] (SCHREBER, 1903 *apud* FREUD, 1911, p. 43, grifos nossos).

Percebemos a indistinção entre o que lhe é imposto e o que Schreber identifica como sendo o seu dever, a ponto de reconhecer que usufrui de tal sensação de volúpia derivada dos milagres. Na psicose, a ausência de intimidade se enlaça diretamente à indistinção entre dentro e fora que vimos formalizar pela topologia da garrafa de Klein (Gerez-Ambertín, 2020). Se, no neurótico, o “ponto surdo” e a operação de castração simbólica instituem um furo no Outro – permitindo que haja um lugar de pensamento e de voz próprios, não totalmente expostos (Vivès, 2012; Freud, 1923/2007) –, o psicótico, ao contrário, não dispõe desse significante que marca a falta no Outro (Freud, 1923/2007; Lacan, 1955-1956/2010). Por não ter incluído, em sua constituição, um elemento vindo de fora que faça limite, ele se vê diante de um espaço em que interior e exterior são contínuos, sem borda: o que é mais íntimo só pode surgir desde fora, sob a forma de voz alucinatória ou de olhar persecutório (Lacan, 1963-1964/2005; Vivès, 2012; Didier-Weill, 1988). A voz e o olhar, objetos articulados ao supereu, aparecem então descolados da cadeia significante e panfônicos, evidenciando um supereu *êxtimo* que fala diretamente do real, sem a mediação de uma interioridade subjetiva – justamente essa estrutura de continuidade topológica entre dentro e fora que o presente estudo procurou destacar. (Didier-Weill, 2012)

Nos termos de Didier-Weill, podemos aproximar tais imposições do “Tu és só isto!” – significante inesquecível que não representa o sujeito para outro significante, mas o reduz a objeto de gozo do Outro (Didier-Weill, 1988). É nessa medida que se evidencia o estatuto forclusivo do supereu: aquilo que não pôde ser incorporado como lei, como metáfora paterna, retorna como voz superegóica, alojada na calota perceptiva, ao mesmo tempo enraizada no núcleo pulsional do isso. O supereu, tendo origem em algo que foi escutado (Freud, 1923/2007) – o que implica sua ligação com o sistema *Pcpt.-Cs* – e sendo também agente do isso, configura-se como uma espécie de *buraco de minhoca* por meio do qual aquilo que não é assimilado ao simbólico, retorna na sincronia do real.

Figura 3 – Ilustração projetiva da Garrafa de Klein



Fonte: Victora, L. G. O discurso histórico e a garrafa de Klein, 2015.

A leitura de Gerez-Ambertín (2020), segundo a qual o inconsciente genuíno – o isso inconsciente – é extensão do supereu inconsciente, encontra aqui um solo fértil. Em Schreber, o que se escuta é menos a censura ligada ao princípio do prazer e mais a irrupção de um gozo que vem “de fora” e, no entanto, atravessa o sujeito em sua intimidade mais radical. Se a garrafa de Klein é sugerida por Lacan para substituir a bolsa freudiana (Gerez-Ambertín, 2020), é justamente porque ela permite figurar esse ponto de torção no qual o interior e o exterior deixam de ser opostos estáveis: o buraco no isso encontra o gargalo da percepção. A voz superegógica, nesse modelo, é o objeto que circula nesse ponto de passagem, pondo em relação dois buracos do corpo – boca e ouvido – e fazendo comparecer, sob a forma de injunção, o que não se deixou simbolizar. Não à toa, Freud nos alerta de forma inaugural em *O eu e o isso* (1923/2007) que o supereu se origina de algo que fora escutado.

Situação análoga, ainda que em outro tempo da constituição subjetiva, se deixa entrever no caso Roberto, exposto por Rosine Lefort ao longo do Seminário I de Jacques Lacan (1953-1954/1986). Trata-se de uma criança marcada por uma história de sucessivas internações por desnutrição, múltiplas mudanças de domicílio e uma referência a um pai desconhecido e a uma mãe descrita como paranoica. Quando chega à instituição, aos três anos e nove meses, não dispõe de palavra coordenada; o que se escuta são gritos, risos guturais e a emergência intermitente de dois significantes – “DONA!” e, sobretudo, “LOBO!”. Este último significante parece funcionar menos como inserido em uma cadeia e mais como uma espécie de auto-nomeação: “LOBO!” surge como designação de si e, ao mesmo tempo, como figura persecutória,

tendo em vista que há uma indiferenciação entre significante “LOBO!” (simbólico), a imagem de Roberto (imaginário) e o que se articula ao real de seu corpo.

É precisamente neste ponto que se evidencia o estatuto clínico da articulação entre *Bejahung* e *Ausstossung*. Se, com Didier-Weill (1988), entendemos o incorporado e o expulso remetendo a um mesmo significante – o fálico – e que não há, para a criança, um juízo prévio que permita discriminar o incorporável do não-incorporável antes da própria operação, o “LOBO!” de Roberto pode ser lido como resto de uma incorporação que esbarra em um impossível. O que não pôde ser incorporado do pai, por não ser todo incorporável, cai como *werfen*, o que resultaria na operação da expulsão originária *Ausstossung*, e retorna desde fora sob a forma de um significante único, que condensa, imaginária e concomitantemente, o lugar de identidade e de ameaça. Roberto não apenas recorre ao significante “LOBO!” a fim de apontar para esse curto-circuito topológico. As cenas corporais marcadas pela indiferenciação entre dentro e fora (água, excremento, leite derramado sobre o corpo) denotam, em ato, a tentativa fracassada de bordejar um buraco real no simbólico.

Considerado a partir da topologia proposta por Gerez-Ambertín (2020), o “LOBO!” de Roberto pode ser pensado como um desses signos de percepção que, não encontrando tradução plena na ordem simbólica, permanecem à margem do discurso, mas não deixam de exercer uma força de atração sobre a cadeia significante. É como se orbitassem o buraco negro do núcleo real do inconsciente: não se recupera a luz lançada ao corpo de densidade infinita, mas se podem observar os efeitos de sua gravidade sobre os astros ao seu redor. Do mesmo modo, em Roberto, é pela observação dos significantes que orbitam esse núcleo – “LOBO!”, os atos com o corpo, as cenas de água e excremento – que nos aproximamos do funcionamento de um real que, por definição, escapa à representação.

Tanto em Schreber quanto em Roberto, portanto, encontramos o supereu menos sob a forma do ideal que organiza identificações e mais sob a forma de um significante ou de uma voz que permanecem não ligados, inesquecíveis, situando-se num ponto de *êxtimo*. Em Schreber, a voz divina que ordena, comenta e insulta é sentida como inteiramente externa, mas fala do lugar mais íntimo; em Roberto, o “LOBO!” é ao mesmo tempo ele mesmo e o Outro que o ameaça. Em ambos, a metáfora paterna não logra fazer furo simbólico no real, não sendo possível o recalque originário; o que se observa é o retorno direto do foracluído, agora como presença invasiva.

Nesse sentido, a garrafa de Klein não é apenas um recurso ilustrativo, mas diz algo do próprio estatuto topológico do supereu: ele se situa na dobra em que o mais interno e o mais externo coincidem, enquanto ponto em que o núcleo real do inconsciente – esse “buraco negro” – *ex-siste* em relação ao aparelho, a ponto de ser percebido desde fora. Essa *ex-sistência* fundamenta o supereu como via de retorno do foracluído, tanto na clínica quanto na cultura, onde a voz do líder ou o mandamento coletivo operam como palavra de ordem sem dialética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do problema freudiano da afirmação primordial e da negação (*Bejahung, Ausstossung, Verwerfung*), este artigo percorreu o caminho que vai da lógica originária do dentro/fora à sua reformulação topológica e clínica. Partimos da operação inaugural que, ao mesmo tempo em que afirma (*Bejahung*), expulsa (*Ausstossung*), interrogando em que medida essa expulsão pode ser pensada como uma foraclusão originária distinta da foraclusão do Nome-do-Pai. Em seguida, acompanhamos as sucessivas figuras do aparelho psíquico em Freud – o retângulo da Carta 52, sua transformação em “bolsa freudiana” e a introdução de um buraco no isso – para, com Lacan e Gerez-Ambertín (2020), deslocar essa bolsa em direção à garrafa de Klein. Por fim, articulamos esse percurso à clínica, em particular aos casos de Schreber e de Roberto, o lobo, onde a voz e o significante único permitem localizar o supereu precisamente no ponto de coincidência entre o mais íntimo e o mais externo.

14

A leitura de Gerez-Ambertín (2020) mostrou-se central para sustentar a tensão principal do presente artigo. De um lado, temos a ideia de um inconsciente genuíno – o isso – que, para além do inconsciente recalcado, se configura como núcleo real não ligado, irreduzível à simbolização. De outro, a hipótese de um supereu cuja camada mais arcaica é coextensiva a esse núcleo: um supereu originado a partir de algo que fora escutado e que, ao mesmo tempo, funciona como agente do isso, o qual é, por definição, inconsciente. É nesse pano de fundo que se esclarece seu estatuto foraclusivo: longe de se constituir apenas como herdeiro edípico e instância de ideal, o supereu aparece como via de retorno daquilo que, não tendo sido simbolizado, retorna desde fora como voz ou significante inesquecível. (Didier-Weill, 1988)

Nesta altura, relembremos o que nos diz o psicanalista Alain Didier-Weill:

Existem pais malvados, com certeza, pais perversos que transmitem supereus mortais mas, para além disso, há, na transmissão da própria linguagem, um efeito de estrutura que faz com que o bem-dizer entrelace-se com o mal-dizer: o mal-dizer, que maldiz, é inseparável do bem-dizer, pois há, no bem-dizer, o bem inter-dizer, um furo na nomeação ao qual o tabu faz suplência. E é por isso que o supereu é consubstancial, não

se pode prescindir dele. Pode-se ultrapassá-lo, mas é preciso saber que, se o ultrapassamos, ele não será abolido de uma vez por todas. É um fato de estrutura que o interdizer não pode subsumir todo o real. E talvez isso ocorra também em outros campos, o horror que o homem tem em considerar-se inacabado, em ver que na vida humana algo é desgraçado. (Didier-Weill, 2012, p. 40, grifo nosso)

Podemos, assim, enunciar a tese que orientou o artigo: pensado topologicamente, o supereu encarna o ponto de *êxtimo* em que o buraco do real *ex-siste* em relação ao sujeito e ao laço social. A garrafa de Klein permite figurar esse ponto de torção em que o interior e o exterior deixam de ser opostos estáveis, e em que o núcleo real do inconsciente – esse “buraco negro” – só se torna perceptível sob a forma de uma voz ou de um significante que vem de fora. Em Schreber, isso se traduz nas vozes divinas que o insultam e comandam; em Roberto, no “LOBO!” que o nomeia e o ameaça. Em ambos, o supereu se presentifica não como ideal regulador, mas como mandamento de gozo sem dialética.

Os desdobramentos desse enfoque não se restringem à clínica das psicoses. A mesma formalização topológica convida a reler as manifestações superegóicas imperiosas nas neuroses, bem como as formas contemporâneas de vociferação no laço social (Dias, 2020) – discursos de ódio, *slogans* ordem imperiosas, vozes de líderes ou ideais que se impõem como evidência incontornável – como lugares de incidência de um supereu arcaico que retorna no coletivo pela via da violência. A articulação com o “supereu cultural” descrito por Freud em *O mal-estar na civilização* (1930/2006) permite, nesse sentido, prolongar a hipótese aqui trabalhada: aquilo que, no núcleo do inconsciente, *ex-siste* como real não recalcado encontra no supereu a via privilegiada de retorno, tanto na experiência singular do delírio e do auto-batismo quanto nas injunções anônimas que, hoje, atravessam e estruturam o laço e as redes sociais.

REFERÊNCIAS

DIAS, M. M. **O discurso da estupidez**. 1ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2020.

DIDIER-WEILL, A. **Inconsciente freudiano e a transmissão da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DIDIER-WEILL, A. **Lacan e a clínica psicanalítica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. XII.

FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007. V. II.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XXI.

FREUD, S. Conferência XXXII – A Dissecção da Personalidade Psíquica (1933). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. XXII.

GEREZ-AMBERTÍN, M. **As vozes do supereu**: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização. Tradução de Stella Chebli. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2009.

GEREZ-AMBERTÍN, M. Topologia do aparato psíquico freudiano e do inconsciente: da Carta 52 ao isso-inconsciente e da bolsa freudiana à garrafa de Klein em Lacan. **Estudos Psicanalíticos**. Belo Horizonte, n. 54, p. 17-23, dez. 2020.

LACAN, Jacques. **O Seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses (1955 – 1956)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 10: A Angústia (1962 – 1963)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. O seminário de Jacques Lacan em Caracas. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 339-368. 16

LEFORT, Rosine. **Roberto, uma criança psicótica**. In: LEFORT, Rosine; LEFORT, Robert. *A criança do espelho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

RABINOVITCH, S. **A foraclusão**: presos do lado de fora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

QUINET, A. **Psicose e laço social**: esquizofrenia, paranoia e melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed, 2009.

VICTORA, Ligia Gomes. O discurso histérico e a garrafa de Klein. **Correio APPOA**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, mar. 2015. Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/243/o_discurso_histerico_e_a_garrafa_de_klein/183. Acesso em: 17 mar. 2026.

VIVÈS, Jean-Michel. **A voz na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Contra Capa / Corpo Freudiano | seção Rio de Janeiro, 2012.